

Arte  
Visual  
ensino

AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

  
Professor Dr. A. Camargo

ARTE . VISUAL . ENSINO  
Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor  
*Isaac Antonio Camargo*

***Seminário IV-  
Arte Visual e Mediação.***



Cursos de Artes Visuais  
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Primeiramente é preciso delimitar o que se entende hoje em dia por Arte Visual. O percurso das imagens que constituem o repertório da Arte Visual desde seus primeiros tempos incluem desde as primeiras realizadas na pré-história até as atuais. A questão é que a sociedade que proporcionou o surgimento de tais imagens mudou com o passar do tempo e conseqüentemente, os modos e fins para os quais as imagens eram produzidas também mudaram.

Da pré-história ao século XIX as imagens eram produzidas pelas mãos humanas e em sua maioria se referiam ao entorno por meio de observação, cópia, imitação, reprodução e imaginação que, mesmo sendo fruto da mente, não se afastavam da figuratividade inspirada pelo mundo natural. Apenas no século XIX é que aconteceram duas grandes mudanças: o surgimento das Imagens Técnicas e o Modernismo.

As Imagens Técnicas são aquelas produzidas por aparelhos, inicialmente a fotografia, depois o cinema, mais tarde o vídeo e os meios digitais de produção. O Modernismo o advento de ruptura com a visão tradicional de Arte instaurada desde a antiguidade clássica greco-romana e revivida pelas academias do Renascimento depois pelo Neoclassicismo e difundida pelas escolas de Belas Artes francesas.

Desde os primeiros tempos os processos de produção artísticos eram baseados na Plástica. Este termo deriva do grego *plastikós* que se refere à docilidade da argila em aceitar as interferências e transformações impostas a ela, por extrapolação, as chamadas Artes Plásticas, são as que operam por meio da manipulação de materiais, instrumentos e ferramentas capazes de impor formas e ideias às imagens criando obras objetuais.

Mesmo após a ocorrência das Vanguardas Artísticas, não aconteceram mudanças substanciais nos modos de fazer, apenas atualizaram e passaram a explorar e experimentar novos materiais e soluções plásticas. A principal mudança ocorre quando as Imagens Técnicas passam a ser aceitas como poéticas artísticas em “pé de igualdade” com os demais modos de criação de imagens manuais, a partir de então o nome muda:

Surge a Arte Visual. Este termo é mais abrangente na medida em que mantém as práticas plásticas anteriores e incluem as tecnológicas. Assim fotografia, cinema e audiovisual passam a fazer parte deste universo estético. Entretanto, outras tendências surgiram a partir do Modernismo, entendidas aqui e ali como Pós-Modernas. É o caso das manifestações Conceituais, Instalações, Intervenções ambientais, espaciais, Performances em ambiente e/ou em rede.

Portanto, quando se fala em Arte Visual, nem sempre se refere apenas a visualidade mas a apreensão sensível integral. Uma instalação, por exemplo, não é apenas “Visual” mas *Imersiva* pois requer não só o sentido da visão, mas o tato, audição, em alguns casos o olfato e em outros até o paladar. Enfim, chamar a tudo isto de Arte Visual é reduzir muito os processos produtivos e de significação e conseqüentemente os processos de apreciação.

Daí a importância que as Curadorias e Mediações passaram a ter desde as últimas décadas do século passado.

Tendo tais aspectos em vista, é necessário estabelecer estratégias de aproximação com as Obras de Arte Visual. Uma das principais questões é pensar no público para o qual se elaboram as Mediações em relação às suas características sociais, faixa etária ou condições e/ou limitações. Assim é possível estabelecer um caminho para a elaboração de projetos de Mediação.

Pode-se começar pensando em *Tipos de Mediação*.

Se a Mediação é uma ponte entre as obras e seus espectadores, como definir, construir, formatar ou escolher estas pontes?

Então: planejar é preciso!

Qualquer planejamento que se preze deve levar em consideração *o que, como e para quem* se planeja. Um bom planejamento deve considerar as variáveis possíveis no que diz respeito a condições logísticas e aos públicos que visa ou acederá ao evento.

Quando se fala de Mediação em Arte Visual, o objetivo é promover o conhecimento sobre ela. As Obras de Arte possuem e/ou apresentam características formais, matéricas, constitutivas, estilísticas e conceituais diversas. Então como realizar mediações diante de tal complexidade?

Aqui entram os especialistas, pesquisadores e estudiosos. A mediação começa pelo conhecimento daquilo que se pretende mediar e os modos de fazer isto.

Uma coisa que deve ficar clara quando se dispõe a Mediar a interação com Obras de Arte é não deixar a apreciação em aberto, mas ordená-la em função de dados contidos nelas como origem, autor, lugar, período, procedimentos técnicos, materiais e proposições para o aqui e agora. A apreciação deve ser revestida de informações, relações e correlações capazes de gerar informações e conhecimento não enaltecendo gostos, preferências pessoais ou preconceitos em relação às Obras.

Toda Mediação se origina e se ampara nas Obras em si mesmas e não em inferências especulativas e aleatórias que podem ser sugeridas ou estimuladas por ela. Ela é o *que é* e deve ser respeitada por isto. Aplicar os valores vigentes de hoje às obras do passado ou de outras épocas às de hoje é falsear suas identidades e história. A mediação deve respeitar as determinantes socioculturais que a geraram, daí a importância da interação dos segmentos públicos com tais Obras.

Pode-se tentar estabelecer uma *tipologia* de Mediações tomando por base, por exemplo, as obras e suas características, suas condições técnicas e de apreciação e a disponibilidade dos locais em que se encontram entre outros dados necessários e passíveis de identificação. Primeiramente, é necessário pensar em que e para quem consiste a Mediação Artística, depois nas possibilidades de abordagem como: educativa, museográfica, comercial, informal, etc.

Assim a *Mediação Artística* se refere às estratégias adotadas para estabelecer uma relação de apreensão e compreensão dedicadas às Obras de Arte Visual tendo como referência sua produção, características, formantes, qualidades plásticas e visuais, substâncias de expressão e demais fatores que determinam sua existência, enquanto manifestação sensível acessível aos sentidos, bem como, sua autoria, período, estilo, escola, tendência entre outros dados e fatores relevantes.



Em síntese, são estes dados ou parte deles que compõem os processos de identificação e classificação das Obras de Arte Visual em instituições destinadas a sua guarda e conservação. Uma *ficha de tomo*, por exemplo, é um registro produzido sobre uma obra para preservar seus dados técnicos, ou seja, não conceituais, analíticos ou críticos, mas apenas os que dão conta de sua existência física e preservação. Serve de referência para formular etiquetas de identificação em mostras. A imagem ao lado foi tomada da coleção de livros de Artista, USP – MAC.

<http://eprints.rclis.org/24629/1/Laucicole%C3%A7aolivro.pdf>



Escolher formato: [Título](#) | [Foto](#) | [Formato Reduzido](#) | [Sempre MAC](#) | [Sempre MAC](#)

Registro 1 de 1

No. Registro: 002218827

Tipo de material: LIVRO DE ARTISTA

Entrada Principal: [Silveira, Marcelo](#)

Título: [Manual dos Manuais ou Livro das escolhas / Fabiana Diniz \(texto\)](#)

Legenda: Recife : Editora Apicóps, 2011.

Descrição: 1 v. + 1 cartaz. : il.

Idioma: Português

Nota: O livro é composto por entrevista com o artista [Marcelo Silveira](#), com imagens de seus trabalhos, fotografias, poesias e críticas.

Resumo: Textos em português e inglês

Assunto Pessoa: [Silveira, Marcelo](#)

Assunto: [ARTE CONTEMPORÂNEA -- SÉCULO 21 -- BRASIL](#)  
[ARTE CONTEMPORÂNEA](#)

Acervo Geral: [Todos os itens](#)

Item na Biblioteca: [Museu de Arte Contemporânea](#)

Escolher formato: [Título](#) | [Foto](#) | [Formato Reduzido](#) | [Sempre MAC](#) | [Sempre MAC](#)

Registros e fichamentos normalmente são atribuídos a Obras Acervadas e dão conta de suas condições físicas e conceituais. No entanto, não são destinadas a Mediação com o público por serem muito técnicas, mas facilitam a elaboração das *etiquetas de identificação* disponíveis junto às obras para atender ao tipo de mostra organizada e apresentada ao público a que se destina. Esta é uma das tarefas para a mediação: elaborar fichas adequadas ao público e ao evento.

As fichas de identificação auxiliam os visitantes com informações sobre as Obras, mas não cobrem o processo de mediação como um todo.

A parte mais importante da Mediação é *quem faz, como faz e para quem faz*.

Mediadores são pessoas preparadas para orientar espectadores e apresentar cada tipo de obra em cada tipo de mostra com o fim de facilitar tanto o processo informativo quanto reflexivo sobre elas numa mostra, num ambiente, num museu etc.

Neste caso o primeiro tipo de Mediação é a *Mediação Guiada*.

Costuma-se chamar assim a esta atividade, quando há a presença de um Mediador, cuja função é guiar/orientar a visita. As funções de Mediação implicam em informações e conhecimentos específicos e dirigidos para os diferentes públicos, logo, não há um só tipo de Mediação, mas vários de acordo com as características dos grupos de visitantes.

A ideia de *Guia* é também e em geral, atribuída ao conjunto de normas e procedimentos que orientam condutas, percursos e informações em instituições da Arte ou de outras áreas. Os museus e instituições que mantêm coleções, arquivos e os expõem, conservam e preservam, costumam editar guias de visita para facilitar a vida dos visitantes. Um exemplo é o Guia do Museu Imperial do Rio de Janeiro:

[https://museuimperial.museus.gov.br/images/flippingbook/guia\\_de\\_visitacao/guia-visitacao.pdf](https://museuimperial.museus.gov.br/images/flippingbook/guia_de_visitacao/guia-visitacao.pdf)

Outra nomenclatura que aparece no contexto da Mediação é a de Monitoria. Cabe esclarecer que, neste caso, a definição de Monitoria não deve ser confundida nem se igualar à de Mediação na medida em que não são a mesma coisa. Em geral, no contexto do ensino superior, a figura da Monitoria se refere aos estudantes que se dispõem a auxiliar os colegas no desenvolvimento de atividades pedagógicas em disciplinas para as quais se inscreve em colaboração com docentes para apoiar atividades de caráter didático-pedagógicas dos conteúdos disciplinares.

Para “guiar” os visitantes não basta indicar o caminho, percursos expositivos, mas sim facilitar a apreensão e compreensão das obras e da mostra em si. A Mediação, em geral, está vinculada a projetos educativos dos ambientes culturais e artísticos com a finalidade tanto de orientar as visitas quanto de informar e promover o conhecimento sobre obras e condições gerais dos eventos nos quais esta atividade se insere. É importante o preparo das pessoas que exercerão a Mediação pois são elas que informarão e estimularão visitantes a apreenderem e aprenderem algo à respeito das Obras de Arte.

O Guia pode ser a pessoa que orienta as visitas, muito comum em instituições e ambientes turísticos.

A ideia de *Mediação Guiada*, portanto, consiste na presença de um guia, que irá auxiliar a visita seguindo um roteiro planejado para proporcionar aos visitantes informações suficientes para esclarecer e promover o conhecimento sobre as características e detalhes da mostra. É isto que se propõe como atividade de *Mediação em Arte Visual*.

Para organização desta atividade é desejável a participação nas diferentes etapas da Curadoria de produção de uma mostra de Arte Visual. O conhecimento sobre a mostra e compreensão dos detalhes, informações técnicas, estéticas e conceituais do que irá ser apresentado é essencial para atuar com eficiência em eventos deste tipo. No caso de mostras já prontas ou itinerantes, é necessário participar das orientações ou treinamentos e dominar os dados relevantes.

Um segundo tipo é a *Mediação Virtual*.

Hoje em dia muitas instituições estão disponibilizando “*guias virtuais*”, ou seja, transformando a presença de mediadores em *áudio guias* ou *audiovisuais* disponíveis em vários idiomas inclusive por meio de aplicativos para aparelhos celulares com acesso a dados móveis. Neste caso a Mediação não é feita por uma pessoa que dá assistência aos visitantes, mas por “*assistentes*” virtuais em programas digitais.

Embora possa haver certas limitações nas mediações virtuais, o hábito crescente da população, em especial os mais jovens, de acessar recursos virtuais, torna possível o uso desta estratégia por diferentes motivos, um deles é a facilidade do uso de plataformas digitais como repositório de dados que podem ser atualizadas continuamente; outro pode ser a manutenção de material de apoio para guias de visitação em recursos virtuais como *podcasts* por exemplo.

Um terceiro tipo é a *Mediação Educativa*. Esta é a mais eficiente e menos suscetível de substituição, já que o trabalho didático e pedagógico é pessoal e intransferível. É comum as instituições artísticas contarem com equipes pedagógicas para preparar material, processos de visitação e percursos guiados oferecendo à comunidade e às escolas a possibilidade de atendimento dos estudantes nos eventos por elas promovidos, garantindo a compatibilidade com o nível de formação educacional.

O quarto tipo pode ser o da *Mediação Museográfica*.

A Museografia é o campo de estudos dedicado configuração da estrutura expositiva de um museu com base nas características históricas ou artísticas de seu acervo e, por consequência, a maneira como são definidas as estratégias de apreensão mediante os percursos, procedimentos técnicos e materiais dos dispositivos utilizados na interação com o público.

Uma questão essencial e importante no contexto da Mediação é a da *Acessibilidade*. Há pessoas com dificuldades, deficiências e necessidades que requerem condições especiais para visitação. As mais comuns são as que apresentam limitações em relação ao espaço como o caso dos cadeirantes, para tanto, deve-se prever rampas de acesso e condições de deslocamento no ambiente para estas pessoas.

Contudo, há pessoas portadoras de outros tipos de dificuldades e limitações como auditivas e visuais. Neste caso, há necessidade de projetos e/ou programas especiais para atendimento deste grupo de pessoas. No caso da surdez, pode-se recorrer a mediadores especializados ou a vídeos acessíveis por meio de aplicativos digitais com interpretes em Libras. No entanto, no caso de limitações visuais, a situação é mais complexa.



Os portadores de deficiência visual podem ser cegos ou de baixa visão, qualquer um deles depende de condições especiais para acessarem as informações e obterem conhecimento sobre o campo da Arte Visual, portanto, a Mediação deve recorrer a meios e estratégias também mais complexas para proporcionar a eles o acesso a este campo de conhecimento. Algumas instituições têm investido neste segmento.

O acesso dos portadores de deficiência visual contam com a audição e o tato que podem ser os sentidos estimulados para dar-lhes acesso às informações e conhecimentos sobre Arte Visual. Um primeiro aspecto diz respeito ao deslocamento destas pessoas no espaço expositivo, para isto, é necessário dotar o ambiente de pisos táteis, indicando caminhos e percursos tanto no que diz respeito à visitação quanto aos locais de entrada, escape e segurança ambiental.

Resolvida a questão do deslocamento, resta a questão do acesso às Obras de Arte.

Tradicionalmente as Obras de Arte Visual se manifestam em categorias poéticas que podem ser bidimensionais e/ou tridimensionais. As tridimensionais como objetos, esculturas e montagens podem ser tocadas e daí é possível inferir formas e demais características como textura, material etc.

No entanto, as bidimensionais não são passíveis de apreensão de informações táteis. O mais comum é o uso de etiquetas em Braille, além disso podem ser realizadas descrições durante o processo de mediação “ao vivo” ou virtual com gravações em *podcast* como já aponte. Neste caso, o auxílio da Mediação se refere ao exercício do guia com apresentação pessoal ou auxílio para conexão de aparelhos digitais audíveis para acesso a tais descrições.

Outra estratégia adotada por instituições de Arte Visual é o desenvolvimento de projetos para a criação de Maquetes nas quais algumas Obra de Arte bidimensionais são convertidas em tridimensionais com o fim de estabelecer relações de caráter informativo/interpretativo para facilitar o acesso destas pessoas às Obras, abreviando ou minimizando a dificuldade que elas têm para acessá-las visualmente.



Um bom exemplo é o Programa Educativo para Públicos Especiais - PEPE, da Pinacoteca de São Paulo, no qual é disponibilizado o acesso tátil a esculturas e o acesso a maquetes realizadas a partir de obras bidimensionais do acervo.

*Mediação Compartilhada.* Quando se trata de obras complexas ou que apresentam recortes variados. Por exemplo, uma obra de um dado período pouco conhecido, de um artista diferenciado, de origens não reconhecidas ou não facilmente compreendidas, há a possibilidade de recorrer a mais profissionais para estabelecerem processos mediadores compartilhados com o fim de cobrir a maior parte das informações necessárias para sua compreensão.

Pode-se falar em *Mediação Comercial*, quando se trata de Galerias dedicadas ao comércio de Obras de Arte. Neste caso, em boa parte delas, os mediadores são os proprietários que detêm as informações necessárias sobre as obras, bem como sobre seu público preferencial, colecionadores e clientes com os quais negocia. Muitas galerias contam com assessorias, curadorias e mediadores que também atuam na mediação comercial.

Há ainda a possibilidade de ocorrerem *Mediações Informais*, ou seja, tentativas de estabelecer uma relação entre obras e apreciadores por meio de informações não programadas nem planejadas. Isto pode acontecer quando a instituição não investe em profissionais especializados para elaborar, apresentar e/ou acompanhar visitantes. Isto pode levar ao desestímulo já que, nem sempre, as informações disponíveis são completas ou fidedignas. Seria o pior caso de mediação possível.

Talvez este seja um caso de “*contra-mediação*”, mas isto não parece ser incomum nesta área já que o preparo educacional no campo da Cultura, em especial, da Arte Visual, é bastante precário. Também não é incomum, quando se visita uma instituição deste tipo, não ter qualquer recepção ativa que se apresente para mediar a visita. Em geral, o mínimo de orientação é dado por atendentes ou vigias que, por pena, tentam ajudar...

Para subsidiar o conhecimento sobre as questões tratadas nesta unidade, sugiro algumas leituras, em ***Reflexões sobre Arte Visual***:

V.2 N.11 – Obras de Arte Invisíveis.

V.2 N.15 – O Picasso queimado e a NFT Art.

V.2 N.16 – A Arte como Play Ground.

Em **TEXTOS**:

Pós Modernismo –  
Chomsky

Guia do Artista Visual.

O que é um Artista?

**Todo material está disponível no Repositório:**

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php>

*Responda às questões aqui apresentadas e encaminhe para o endereço digital institucional:*

*[isaac.camargo@ufms.br](mailto:isaac.camargo@ufms.br)*

*até o dia 20 de novembro de 2022 para consolidar sua participação nos seminários.*

***Questões para aferir sua participação no seminário:***

- 1- O que se entende por “Tipos de Mediação”?
- 2- Como podem ser organizadas Mediações em diferentes contextos?

**Bom Trabalho!**